

## **SABERES DE BENZER, CURAR E ESCREVER: ENFRENTAMENTOS COTIDIANOS AO RACISMO E À DESIGUALDADE AMBIENTAL NA FORMAÇÃO EM SAÚDE**

**KAREN SOARES PORTO<sup>1</sup>; FERNANDA EISENHARDT DE MELLO<sup>2</sup>; GULNARA WALESKA RUBIO MARTINEZ<sup>3</sup>; STEFANIE GRIEBELER OLIVEIRA<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – profakarensoares@gmail.com 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – fernandamello972@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – gulnarassantana@hotmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – stefaniegriebeleroliveira@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

A formação em saúde no Brasil está profundamente marcada por processos históricos que reforçam desigualdades sociais, raciais e ambientais (TEIXEIRA; SANTOS, 2023). A estrutura curricular ainda privilegia uma perspectiva biomédica, eurocentrada e tecnicista, que tende a marginalizar práticas comunitárias e ancestrais de cuidado (MIASATO; SOUZA; SILVEIRA, 2024). Nesse contexto, torna-se urgente repensar os modos de ensinar, aprender e produzir conhecimento em saúde, incorporando perspectivas que dialoguem com a realidade social, ambiental e cultural dos sujeitos que acessam o sistema de saúde.

Entre os saberes tradicionalmente invisibilizados pela ciência hegemônica estão o benzer, a cura com ervas e a escrita de si. Essas práticas, transmitidas por gerações, sobretudo entre mulheres negras, indígenas e comunidades populares, configuram tecnologias sociais e espirituais que resistem à exclusão histórica. Como afirma Conceição Evaristo (2020), a *escrivivência* constitui um modo de narrar as próprias experiências como ato político, rompendo o silenciamento imposto pelo racismo e pelo colonialismo. De forma semelhante, o benzer e a cura pelas ervas, presentes no cotidiano das comunidades, expressam formas de cuidado integradas ao ambiente e à espiritualidade, desafiando a fragmentação entre corpo, território e saúde. A discussão insere-se na área da Saúde Coletiva e Educação em Saúde, dialogando também com os campos dos Estudos Decoloniais e das Epistemologias do Sul (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2008; WALSH, 2006), que defendem a legitimidade de múltiplas formas de conhecimento. Para Grada Kilomba (2019), a exclusão de saberes negros e indígenas na academia constitui uma forma de racismo epistêmico, que limita a compreensão da realidade e perpetua desigualdades. Ao mesmo tempo, autores como Acselrad (2004) e Herculano (2006) demonstram que o racismo ambiental recai com maior intensidade sobre populações racializadas, que enfrentam, de modo desproporcional, os efeitos da degradação ambiental e da precariedade de infraestrutura básica.

Nesse cenário, torna-se necessário questionar: **como os saberes de benzer, curar e escrever podem contribuir para a formação em saúde como práticas de resistência ao racismo estrutural e às desigualdades ambientais?** Essa problematização orienta o presente resumo, que busca refletir teoricamente sobre a relevância desses saberes na construção de uma ciência afirmativa e socialmente comprometida.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como uma reflexão teórico-crítica construída a partir de uma **busca na literatura acadêmica e em referenciais decoloniais e de letramento racial**. O levantamento bibliográfico privilegiou autoras e autores negros e latino-americanos, como Conceição Evaristo (2020), Beatriz Nascimento e Gloria Anzaldúa, cujas obras compreendem a escrita como prática de cura, resistência e insurgência. O processo metodológico consistiu na **leitura, sistematização e análise interpretativa** das produções encontradas, articuladas com reflexões sobre saberes tradicionais de benzer e curar e suas potencialidades no enfrentamento ao racismo e à desigualdade ambiental. Assim, o estudo configura-se como uma **revisão reflexiva** que busca tensionar práticas de formação em saúde a partir de epistemologias contra-hegemônicas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos visitados, como (BARROS e SANTOS, 2024; SIQUEIRA, 2024) demonstram que práticas como a benzedura, o uso de ervas e a escrita de si contribuem para fortalecer identidades, promover autocuidado e criar redes de enfrentamento coletivo ao racismo. A presença dos saberes de benzer, curar e escrever como categorias de análise permite refletir sobre a relação entre corpo, território e saúde em uma perspectiva ampliada. A inserção dessas práticas na formação em saúde amplia a compreensão do cuidado, integrando corpo, espírito e território. O racismo ambiental, entendido como a distribuição desigual de riscos ambientais e de acesso aos recursos naturais a partir de marcadores raciais, étnicos e sociais, impacta diretamente os corpos racializados, empobrecidos e marginalizados (MORAES FILHO; OLIVEIRA HENRIQUE; TAVARES, 2024). Esses corpos, historicamente afastados da produção científica hegemônica, reinventam formas de existir e resistir através de práticas ancestrais que integram espiritualidade, cuidado e preservação ambiental. Na formação em saúde, tais saberes seguem marginalizados, pois o currículo ainda privilegia a lógica biomédica e eurocentrada (OLIVEIRA et al., 2024). Entretanto, a inserção de perspectivas decoloniais e afirmativas aponta para a necessidade de reconhecer que a saúde não se resume ao controle de doenças, mas está profundamente conectada à dignidade humana, aos territórios e às condições ambientais. Ao valorizar o benzer, a cura com ervas e a escrita de si, abre-se espaço para uma pedagogia do cuidado que reconhece os saberes comunitários como parte legítima da produção científica (SOUZA; ANDRADE; ANDRADE, 2024).

Além disso, práticas como a escrevivência (EVARISTO, 2020) possibilitam que sujeitos historicamente silenciados se reconheçam como produtores de conhecimento. A escrita, nesse sentido, não é apenas registro, mas instrumento político de resistência e afirmação. Do mesmo modo, o benzer e o uso das ervas, tradicionalmente praticados por mulheres negras, indígenas e populares, configuram tecnologias sociais de enfrentamento à exclusão e à precarização da vida. Articular essas práticas no espaço acadêmico significa não apenas romper com o racismo epistêmico, mas também contribuir para a construção de uma universidade que se compreenda como parte da luta por justiça social e ambiental.

Reconhecer os saberes de benzer, curar e escrever como parte da formação em saúde é, portanto, um ato político de afirmação de direitos e de valorização das epistemologias do Sul.

#### 4. CONCLUSÕES

O trabalho evidencia que a integração dos saberes de benzer, curar e escrever na formação em saúde representa uma inovação metodológica e epistemológica, pois rompe com o modelo eurocêntrico hegemônico e insere vozes historicamente silenciadas. Essa articulação permite pensar práticas de cuidado mais amplas, que consideram dimensões espirituais, ambientais e raciais, contribuindo para o fortalecimento de políticas de saúde equitativas e culturalmente sensíveis. Os desafios enfrentados pela universidade brasileira exigem a afirmação de práticas pedagógicas e científicas que superem a fragmentação do saber e as exclusões históricas. Nesse cenário, os saberes de benzer, curar e escrever oferecem caminhos para pensar uma formação em saúde mais equânime, plural e enraizada nos territórios. Ao reconhecer que saúde e ambiente estão interligados, torna-se evidente que a luta contra o racismo estrutural e o racismo ambiental deve atravessar a formação profissional. Esse reconhecimento, no entanto, não significa a simples incorporação instrumental de práticas ancestrais no currículo, mas a valorização de sua legitimidade como formas de conhecimento que produzem vida e dignidade. A ciência afirmativa, neste sentido, é aquela que se constrói em diálogo com comunidades, territórios e culturas, reconhecendo que não há justiça ambiental sem justiça racial, de gênero e social.

A aposta em práticas como o benzer, a cura com ervas e a escrita de si não é nostálgica, mas profundamente contemporânea: trata-se de recuperar memórias e experiências como base para a invenção de futuros. Ao trazer esses saberes para o debate acadêmico, reafirmamos a universidade como espaço de escuta, de encontro e de construção coletiva de soluções. Assim, pensar a saúde a partir desses saberes é também afirmar uma universidade antirracista, decolonial e comprometida com a sustentabilidade da vida.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, H. De “bota-foras” e “zonas de sacrifício” – um panorama dos conflitos ambientais no Estado do Rio de Janeiro. In: ACSELRAD, Henri(Org.). Conflito social e meio ambiente no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

HERCULANO, S. Lá como cá: conflito, injustiça e racismo ambiental. Texto apresentado no I Seminário Cearense contra o Racismo Ambiental, Fortaleza, 2006. Disponível em:  
<http://www.professores.uff.br/seleneherculano/publicacoes/la-como-ca.pdf>.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MIASATO, F.A.; SOUZA, E.R.; SILVEIRA, L.M. “A raça de amanhã”: racismo e eugenia na profissionalização da enfermagem brasileira. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 22, e02901258, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-ojs2901>. Acesso em: 25 ago. 2025

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: [https://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](https://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf). Acesso em: 25 ago. 2025.

MORAES FILHO, I.M.; OLIVEIRA HENRIQUE, V.H.; TAVARES, G.G. Racismo Ambiental e Saúde Planetária na Atenção Primária à Saúde: O Papel Transformador da Enfermagem. *REVisa*, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 1–5, 2024. Disponível em: <https://rdcsa.emnuvens.com.br/revista/article/view/3>.

OLIVEIRA, N.P.B. et al. Troca de saberes tradicionais: conexões na Universidade da Maturidade sobre o benzer, rezar e curar. *Caderno Pedagógico*, [S. l.], v. 21, n. 10, p. e9403, 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/9403>.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, A.C.C.; BARROS, A.A.M. Saberes e povos tradicionais: o legado da reconstrução ontológica, pluriepistêmica e transcultural. *Revista Interface*, v. 34, n. 1, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/issue/view/2854/1993>.

SIQUEIRA, E.F.L. A Escrita de Si: a compreensão do mundo pela beleza dos versos e reversos poéticos. *Revista Terceiro Incluído, Goiânia*, v. 14, n. 1, p. e14107, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teri/article/view/78905>.

SOUZA, Y.V.B.; ANDRADE, H.M.L.S.; ANDRADE, L.P. Um Olhar sobre os Conhecimentos Tradicionais de Plantas Medicinais no Cuidado com a Saúde na Comunidade Quilombola do Timbó, Garanhuns - Pernambuco, Brasil. *Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 02–11, 2024. Disponível em: <https://ensaioseciencia.pgsscogna.com.br/ensaioeciencia/article/view/10996>.

TEIXEIRA, C.F.; SANTOS, J.S. Desigualdades Sociais e Políticas de Saúde: conquistas, retrocessos e desafios. In: FARIA, L. et al. (Org.) *Formação profissional, acesso e desigualdades sociais no contexto pós-pandêmico*. Salvador: EDUFBA, 2023. 261 p.

WALSH, C. Interculturalidad y colonialidad del poder: un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In: WALSH, Catherine; MIGNOLO, W. *Interculturalidad, descolonización del Estado y del conocimiento*. Quito: Abya-Yala, 2006.